

## Matemática e Gênero: obstáculos e resistências na trajetória acadêmica de mulheres

Geisa Abreu Lira Corrêa dos Santos<sup>1</sup>

Fernanda Malinosky Coelho da Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo, parte de uma pesquisa de doutorado, investiga a ascensão acadêmica de mulheres na área da Matemática, com foco nos caminhos, desafios e motivações enfrentados nesse percurso. Apesar do aumento da presença feminina no meio acadêmico, a representatividade das mulheres na Matemática ainda é baixa. Por meio da metodologia de pesquisa narrativa, foram analisadas as experiências de três professoras de matemática, que relataram suas trajetórias desde a escolha da carreira até a pós-graduação. Os depoimentos evidenciam obstáculos significativos, como a sobrecarga de responsabilidades familiares, a ausência de políticas institucionais de apoio e o preconceito de gênero, fatores que muitas vezes dificultam ou interrompem a continuidade dos estudos. Contudo, as narrativas também revelam estratégias de resistência e superação, como o apoio entre colegas, a inspiração em mentoras e a construção de trajetórias marcadas pela resiliência. O estudo destaca a importância de fortalecer redes de apoio e políticas que promovam maior equidade acadêmica.

**Palavras-chave:** Formação Continuada. Professoras. Matemática. Maternidade. Ascensão.

## Mathematics and Gender: obstacles and resistance in women's academic journeys

**Abstract:** This article, part of a doctoral research project, investigates the academic advancement of women in the field of Mathematics, focusing on the paths, challenges, and motivations they face along the way. Despite the increasing presence of women in academia, female representation in Mathematics remains low. Using narrative research methodology, the experiences of three mathematics professors were analyzed, as they shared their journeys from choosing their careers to pursuing postgraduate studies. Their testimonies highlight significant obstacles, such as the burden of family responsibilities, the lack of institutional support policies, and gender bias—factors that often hinder or interrupt the continuation of studies. However, the narratives also reveal strategies of resistance and overcoming adversity, such as peer support, inspiration from mentors, and the construction of resilient academic trajectories. The study emphasizes the importance of strengthening support networks and policies that promote greater academic equity.

**Keywords:** Continuing Education. Female Teachers. Mathematics. Motherhood. Advancement.

## Matemáticas y Género: obstáculos y resistencias en la trayectoria académica de las mujeres

**Resumen:** Este artículo, parte de una investigación doctoral, analiza la trayectoria académica de mujeres en el campo de las Matemáticas, centrándose en los caminos, desafíos y motivaciones que enfrentan en este recorrido. A pesar del aumento de la presencia femenina en el ámbito académico, la representación de las mujeres en Matemáticas sigue siendo baja. A través de la metodología de investigación narrativa, se examinaron las experiencias de tres profesoras de matemáticas, quienes compartieron sus trayectorias desde la elección de la carrera hasta los estudios de posgrado. Los testimonios evidencian obstáculos significativos, como la sobrecarga de responsabilidades familiares, la falta de políticas institucionales de apoyo y los prejuicios de género, factores que a menudo dificultan o interrumpen la continuidad de

---

<sup>1</sup> Doutora em Ensino e História da Matemática e da Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Colégio Pedro II/CPII. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [geisa.santos.1@cp2.edu.br](mailto:geisa.santos.1@cp2.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1784-0848>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação Matemática pela Unesp - Campus de Rio Claro/SP. Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS. Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: [fernanda.malinosky@ufms.br](mailto:fernanda.malinosky@ufms.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4873-1107>.

los estudios. Sin embargo, las narrativas también revelan estrategias de resistencia y superación, como el apoyo entre colegas, la inspiración en mentoras y la construcción de trayectorias marcadas por la resiliencia. El estudio resalta la importancia de fortalecer redes de apoyo y políticas que fomenten una mayor equidad académica.

**Palabras clave:** Formación Continua. Profesoras. Matemáticas. Maternidad. Ascenso.

## 1 Introdução

A formação continuada é reconhecida como um elemento fundamental na trajetória profissional docente, especialmente no que diz respeito à reflexão crítica e ao aprimoramento das práticas pedagógicas (Imbernón, 2011; Nóvoa, 1992). No entanto, inúmeros desafios atravessam esse processo, sobretudo para professores em início de carreira, que enfrentam condições precárias de trabalho, múltiplas jornadas em diferentes instituições e dificuldades de acesso a espaços formativos qualificados (Gabardo, Souza Hobold, 2011).

No atual contexto educacional brasileiro, o ambiente escolar tem se caracterizado por uma crescente diversidade, abrangendo aspectos culturais, sociais, econômicos, étnico-raciais, de gênero, sexualidade e religião. Essa pluralidade demanda do professor não apenas competências pedagógicas, mas também uma formação ética, crítica e comprometida com a equidade. A formação inicial, no entanto, nem sempre contempla essas complexidades, tornando a formação continuada ainda mais relevante ao longo da carreira (Tardif, 2002; Freitas, 2012).

Além disso, as exigências institucionais — como especializações, mestrado e doutorado — têm se tornado cada vez mais comuns em concursos públicos e processos seletivos, ampliando a pressão por qualificação acadêmica como forma de ascensão e estabilidade na carreira docente (Gatti, 2009). Embora a formação continuada seja uma potencial exigência na progressão da carreira docente, ela não é experienciada da mesma forma por mulheres e homens, especialmente em áreas historicamente masculinizadas como a Matemática.

Diante desse cenário, este artigo busca refletir sobre como questões de gênero, maternidade e economia do cuidado atravessam a ascensão acadêmica e profissional de mulheres docentes de Matemática, analisando os desafios, as estratégias de permanência e as formas de resistência presentes em suas trajetórias. A partir de entrevistas com professoras atuantes na educação básica, pretende-se compreender como essas trajetórias se constroem, em meio às tensões entre as exigências do sistema educacional e as possibilidades reais de desenvolvimento profissional.

## 2 Por uma formação docente em matemática sensível às questões de gênero e à diversidade

A formação docente em Matemática, especialmente quando vivenciada por mulheres, revela desafios que extrapolam a dimensão pedagógica e se entrelaçam com questões estruturais de gênero, desigualdade e exclusão.

Conforme apontado por Fiorentini *et al.* (2002), muitos professores reconhecem ao longo da carreira a necessidade de formação continuada, sobretudo devido à desconexão entre a formação inicial e os desafios concretos da sala de aula. Andrade e Santos (2024) ressaltam que tanto a formação inicial quanto a continuada precisam ser repensadas para que tenham impacto real na prática pedagógica, destacando a importância do papel crítico e reflexivo do professor.

Sendo assim, essa formação deve considerar as experiências docentes já existentes, valorizando-as como ponto de partida para reflexão e análise crítica. Assim, o professor pode se constituir como um profissional mais consciente e investigativo de sua própria prática. Esses autores defendem que a formação centrada na prática pedagógica e na reflexão crítica irá não só qualificar, mas também transformar os docentes e que “essa transformação é importante para que os docentes possam promover mudanças significativas em suas abordagens, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino de Matemática e para o desenvolvimento de uma educação mais reflexiva e contextualizada” (Andrade, Santos, 2024, p. 6).

Nessa perspectiva, Ivenicki (2023, p. 64) destaca a importância de inserir na formação do professor e no currículo da educação básica questões associadas a gênero e raça:

Pensar nos conceitos pesquisador, pesquisa e ensino, relativamente a paradigmas e temas multiculturalmente orientados, significa pensar na educação como um processo voltado para a valorização não só da diversidade cultural, como também do incentivo aos potenciais de todos que a ela acorrem. Significa, também, analisar em que medida as perspectivas antirracistas, antissexistas e diversas outras têm permeado o currículo escolar e a formação docente, de modo a formarmos futuras gerações abertas à pluralidade cultural e, também, interessadas nas questões relativas a preconceitos.

Historicamente, a Matemática é percebida como uma disciplina neutra, rígida e descontextualizada (Guse, Detoni, 2023), o que contribui para a ideia equivocada de que discussões sociais não têm lugar nesse campo. No entanto, conforme argumentam Barbosa, Neto e Giraldo (2019), essa neutralidade é ilusória, pois a produção matemática está inserida em contextos sociais específicos, e há outras formas de se fazer e ensinar Matemática além da acadêmica.

No entanto, como salientam Neto e Valero (2020), a sala de aula reflete cada vez mais

os debates e as tensões sociais do mundo contemporâneo. Assim, “a abordagem desses temas dentro das ciências exatas funciona como uma estratégia de contra-ataque ao cerceamento dessas discussões, considerando a compartimentalização do conhecimento em que tais tópicos são apenas discutidos dentro das ciências humanas” (Musha, Lima, Godoy, 2020, p. 150).

Esses autores, assim como Santos e Alves (2023), alertam para a insuficiência da formação docente inicial em preparar professores para lidar com essas questões. Por isso, a “importância da discussão de gênero, orientação sexual e raça nos cursos de licenciatura na área de ciências exatas” (Musha, Lima, Godoy, 2020, p. 150), para que os professores estejam preparados a lidar com a diversidade, evitar práticas discriminatórias e promover ambientes de aprendizagem mais justos e acolhedores. Como observa Ivenicki (2023, p. 67), “[...] imbuir nossos currículos de perspectivas multiculturais e das ideias de identidades híbridas e interseccionadas pode auxiliar a articularmos conteúdos e metodologias de ensino em um horizonte de justiça social e de respeito pelas diferenças”.

Vemos, com isso, a necessidade de uma formação de docentes de Matemática mais ampla e adequada à diversidade. D’Ambrosio (2011) reforça que o educador matemático deve compreender a Matemática como uma ferramenta de transformação, e não apenas como um fim em si mesmo. Nesse sentido, Guse e Esquincaha (2024) defendem que é preciso:

[...] buscar formações que nos possibilitem valorizar o ser humano deveria ser um movimento de qualquer docente que se preocupe com os estudantes, assim como com o ensino e aprendizagem da matemática. Não podemos ensinar matemática sem antes reconhecermos que lidamos com pessoas que, por muitas vezes, não (re)existem mais às pressões desse sistema vigente em nossa sociedade. [...] As aulas de matemática precisam, portanto, ser acolhedoras e valorizar a pluralidade de formas de existência que estruturam nossa sociedade. Para isso, precisamos de docentes que estejam dispostos a tornar suas práticas profissionais humanizadoras. Além disso, precisamos promover mais espaços de formação que integrem temas sociais, como o debate sobre gênero e sexualidade, com o campo da (Educação) Matemática, visando à construção de um ambiente educacional mais equitativo e inclusivo, no qual a matemática não (re)produza mais estereótipos e preconceitos contra corpos historicamente marginalizados (Guse, Esquincaha, 2024, p. 22)

Contudo, essa busca por formação complementar nem sempre é simples, uma vez que os docentes enfrentam barreiras estruturais para progredir academicamente. A trajetória das mulheres não é apenas bloqueada no topo, mas cheia de obstáculos, desvios e dificuldades em todos os níveis da carreira. Pensando na questão gênero, um ponto referente à dificuldade da ascensão feminina está que em ambientes mais masculinos como a área de Matemática e ciências ditas exatas, as mulheres são vítimas de assédio sexual, machismo e sexismo ou comentários indelicados. Há uma metáfora chamada de labirinto de cristal que faz referência a “[...] um trajeto repleto de desafios para as mulheres, mas transparente para o restante da

sociedade” (Alves, Barnosa, Lindner, 2023, p. 2). O percurso é longo, desgastante e desafiador, embora essas barreiras muitas vezes sejam invisíveis para quem não as enfrenta, por isso o “cristal” é transparente para a sociedade. Desse modo, a maioria das pessoas não enxerga esses desafios como injustiças estruturais, tudo parece “igual”, mas não é.

De acordo com Perez (2022), ainda em relação à progressão de mulheres, a autora destaca que a maternidade tem um impacto forte, principalmente no que se refere à área acadêmica, que exige publicações. Geralmente mulheres com crianças pequenas têm mais dificuldade de publicar por conta das demandas com a casa e filhos.

No que diz respeito à participação masculina no cuidado com os filhos, hooks (2021, p. 122) destaca que “[...] ainda não alcançamos nem mesmo um traço do que seria a equidade de gênero”. Além disso, hoje cada vez mais as crianças são colocadas em creches ou escolas de educação infantil e este trabalho é majoritariamente realizado por mulheres (Zappa, 2022), ou seja, mesmo que as mães precisem de outras pessoas para dividir os cuidados dos filhos, geralmente são outras mulheres que assumem estes cuidados. Mas é importante lembrar que toda tarefa ligada a cuidados tem sua responsabilidade maior recaindo sobre mulheres, em geral pobres e/ou negras, tanto cuidados domésticos, cuidados com os filhos ou idosos e doentes (Meyer, Dal’igna, Klein, 2022).

Para explicar a questão dos trabalhos não remunerados ligados à tarefa de cuidar, temos a chamada economia do cuidado. Conforme Muller e Moser (2022) vai:

[...] para além de uma definição conceitual de suma importância, consiste em analisar a economia considerando o trabalho de cuidado que é invisibilizado pela Teoria Econômica. A este trabalho e também a quem o exerce, lhes foi atribuído a invisibilidade e o status de naturalização, como algo intrínseco, naturalmente, às mulheres (Muller, Moser, 2022, p. 3).

Como essa tarefa é pouco valorizada e muitas vezes invisibilizada, é preciso uma conscientização social sobre a distribuição destas funções. De acordo com Hochschild (2019, p. 77), “O baixo valor atribuído ao trabalho de cuidado não é resultado da ausência de necessidade, nem da simplicidade ou facilidade de o fazer”. Esse assunto não era discutido ou sequer considerado, mas a pandemia do COVID-19 “desvelou a centralidade do cuidado na sociedade e nas famílias e o grande peso que recai sobre as mulheres, devido, frequentemente, a baixos níveis de corresponsabilidade entre homens e mulheres” (Posthuma, 2021, p. 25), principalmente em regiões como a América Latina.

Portanto, para Hochschild (2019, p. 77), é importante envolver os homens e a sociedade em geral nas tarefas ligadas ao cuidado de modo a tornar uma tarefa mais valorizada. É cada

vez mais notório que as mulheres estão alcançando espaços fora de casa e que há a redução do tamanho das famílias, com pessoas tendo apenas um ou nenhum filho. Com isso, cada vez existem menos pessoas disponíveis para cuidar daqueles que precisam de cuidados. Além disso, as melhores condições de saneamento e saúde geram um aumento da expectativa de vida, ou seja, um envelhecimento da população e, conseqüentemente, mais pessoas precisando de cuidados e, portanto, precisamos nos preocupar com quem vai assumir essa responsabilidade de cuidar (*ibidem*), que deve ser dividida não só com homens, mas que se pensem em políticas públicas para que a tarefa de cuidar seja mais bem distribuída.

Antes de apresentarmos os recortes dos relatos das pessoas entrevistadas, é importante contextualizar a pesquisa de doutorado, em andamento, que originou este artigo, destacando seus objetivos, fundamentos teóricos e metodologia.

### **3 Um pouco sobre a pesquisa de doutorado em andamento**

A pesquisa de doutorado em questão tem como objetivo geral refletir sobre a ascensão acadêmica e profissional de docentes de Matemática, bem como as expectativas e a realidade, como se deu o processo de progressão e quais dificuldades foram encontradas ou se não as encontrou.

Como metodologia, optamos pela Pesquisa Narrativa, pois ela permite analisar as vivências de colaboradores a partir de seus relatos sobre expectativas, dificuldades e obstáculos enfrentados na trajetória acadêmica e profissional. Com base em Cintra, Correia e Teno (2020), entende-se que os relatos representam escolhas individuais moldadas por experiências sociais e históricas, possibilitando reconstruções de práticas em diferentes contextos. Ao eleger professores como sujeitos da pesquisa, valoriza-se suas histórias de vida e formação como expressões significativas de um tempo e de uma realidade vivenciada, mesmo que permeadas por esquecimentos ou lacunas.

A narrativa, no entanto, é uma construção complexa e de difícil definição. Ela vai além de um simples relato de fatos, pois carrega a marca pessoal do narrador, conforme aponta Walter Benjamin (1987). Não se trata de uma exposição neutra, como em um relatório, mas de uma expressão subjetiva que imprime sentidos e experiências próprias. Essa complexidade é discutida por autoras como Nacarato, Passos e Silva (2014), que evidenciam a multiplicidade de significados atribuídos à narrativa – seja como prática de formação, gênero de pesquisa ou a própria pesquisa em si.

Por fim, conforme Carvalho, Silva e Bianchi (2021), a Pesquisa Narrativa é, por

essência, subjetiva e intersubjetiva. As histórias narradas dependem de escolhas linguísticas e contextuais e podem variar conforme o momento ou o interlocutor. Assim, nenhuma narrativa é uma verdade objetiva única. Ainda que essa característica exija cuidado no uso das narrativas como dados de pesquisa, os autores reforçam que, quando aplicadas de forma criteriosa, essas narrativas complementam métodos mais tradicionais, enriquecendo a compreensão dos fenômenos estudados.

Antes de constituir as narrativas, inicialmente, enviamos um formulário para os grupos de docentes de Matemática dos quais uma das autoras faz parte. Esse formulário continha perguntas abertas e fechadas sobre ascensão acadêmica e profissional e foi enviado para uma média de 600 docentes, porém somente 52 pessoas responderam. Destas, 28 pessoas manifestaram interesse em ser entrevistadas posteriormente. Assim, seis pessoas foram selecionadas para a entrevista com base nas respostas fornecidas no formulário inicial. Dessa forma, escolhemos aquelas que demonstraram o interesse em participar da continuação da pesquisa e a pertinência das respostas em relação aos objetivos do estudo, priorizando narrativas que apresentavam maior densidade reflexiva acerca das experiências de ascensão acadêmica e profissional.

Todas as entrevistas foram realizadas via *Google Meet*, gravadas e transcritas com o auxílio da ferramenta *Tactiq*. Após a transcrição, retiramos os vícios de linguagem, repetições de palavras ou expressões na tentativa de tornar o texto mais fluido. Nas entrevistas, que não tinham limite de tempo, as pessoas falavam livremente sobre quatro temas apresentados em um slide: Expectativa e Realidade: Vida Acadêmica e Vida Profissional, Questões Familiares: Vida pessoal e Vida profissional, Presença Feminina: Acadêmica e Profissional, Formação e Escolha Profissional, podendo inclusive não responder a algum dos temas ou voltar neles enquanto respondia outro.

Dessa transcrição, construímos narrativas que representam, de forma sensível e contextualizada, as experiências e percepções compartilhadas, respeitando a subjetividade dos participantes e os princípios da pesquisa narrativa. A análise das entrevistas foi inspirada na Análise Temática (AT) sob a perspectiva de Dias e Mishima (2023) e Souza (2019), pois segundo Souza (2019, p. 52), “A AT é um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos”. Além disso, “Para realizar Análise Temática o pesquisador se debruça sobre um conjunto de dados empíricos capturados a partir de entrevistas” (Dias, Mishima, 2023, p. 404), sendo, portanto, considerado um método vantajoso. Sendo assim, os excertos foram agrupados a partir da

familiarização com os dados, buscando recorrências principalmente relacionadas à maternidade, progressão acadêmica, desigualdade de gênero, economia do cuidado e permanência na carreira docente.

Na seção a seguir, apresentamos alguns excertos das narrativas de três professoras, que serão objeto de análise e discussão. Cabe explicar que foram entrevistadas seis pessoas na pesquisa de doutorado, sendo quatro mulheres e dois homens. A escolha por incluir participantes de diferentes gêneros na pesquisa de doutorado se deu pelo fato de que, embora a pesquisa dialogue diretamente com as questões de gênero, o objetivo não era restringi-la exclusivamente às experiências femininas. Ao contrário, buscou-se compreender como os relatos de ambos os sexos evidenciam os caminhos da ascensão acadêmica e profissional, com o olhar para as expectativas desses profissionais e a realidade vivenciada, o papel das mulheres nas conquistas acadêmicas e profissionais, assim como suas relações com a chamada economia do cuidado.

É importante mencionar que, após a qualificação da tese, uma das mulheres entrevistadas solicitou a retirada de seu depoimento da pesquisa. Ela apresentava um relato muito sensível de assédio moral na pós-graduação, assim, sua decisão foi respeitada integralmente, e sua entrevista não integra mais a tese, nem esta publicação.

Diante do recorte temático adotado para a escrita deste artigo, optamos por selecionar e analisar apenas as entrevistas das participantes do gênero feminino, por entender que suas narrativas trazem contribuições específicas e relevantes para o que será discutido a seguir.

#### **4 Reflexões sobre desafios e conquistas na progressão acadêmica de três professoras de matemática**

Dando continuidade às reflexões desenvolvidas nas seções anteriores, nas quais discutimos a relevância da formação inicial e continuada na trajetória docente, é importante reconhecer que o acesso a essas formações, bem como sua permanência, nem sempre se dá de forma linear ou descomplicada. Diversos fatores — sociais, institucionais, econômicos e pessoais — podem configurar barreiras significativas ao longo desse percurso.

Apresentamos, primeiramente, as três professoras de Matemática que gentilmente compartilharam suas experiências: Bia, 37 anos, e Lia, 51 anos, ambas com doutorado em Ensino de Matemática e professoras em instituições públicas federais do Brasil; Marie, 41 anos, doutoranda em Ensino de Matemática e Física, atualmente professora da rede particular de ensino. Neste ponto do artigo, voltamo-nos às histórias de vida e às trajetórias acadêmico-

profissionais, com o olhar inicial para a escolha pela docência.

[...] lembro que no sétimo ou oitavo ano, uma professora de Matemática pediu para ajudar os colegas, porque eu terminava as coisas muito rápido e gostava de falar depois que finalizava e atrapalhava. Acho que ela pensava: “Meu Deus, vou dar uma coisa para essa menina fazer”. E dizia “Ajuda seus colegas ali” e lembro que deu certo. A turma estava com muitos colegas em recuperação e ela perguntou se eu e mais uma aluna podíamos fazer isso depois da aula. Eu adorei. (Excerto da entrevista de Bia)

Ser convidada a auxiliar colegas em recuperação permitiu a Bia experimentar, ainda na escola básica, um papel de liderança pedagógica. Esse tipo de vivência pode ser um ponto de partida para o interesse por ensinar, além de promover uma postura colaborativa e reflexiva sobre o processo de aprendizagem. O relato também mostra o impacto que ações aparentemente simples de professores podem ter nas escolhas profissionais de seus alunos. A professora, ao buscar uma solução para um comportamento inquieto, sem punição, transformou a situação em uma oportunidade educativa e de fortalecimento da autoestima da aluna. Ainda que não explicitamente dito, o fato de ser uma menina, com destaque em Matemática (área tradicionalmente masculinizada), e ser convidada a exercer uma função ativa na sala de aula, pode ser lido como uma subversão sutil de estereótipos de gênero, que normalmente não associam meninas à liderança em disciplinas exatas.

Em um estudo feito por Vieira (2016) sobre o porquê da escolha docente, ela destaca que curiosamente “um aspecto foi muito destacado, somando praticamente 96% das respostas foi a referência do termo: vocação [...] A opção vocação não tinha sido considerada quando o estudo começou” (p. 126 e 129). A autora também destaca que “[...] mesmo na sociedade da informação e do conhecimento é comum que os professores falem de aspectos como paixão, amor e vocação para justificar suas atividades laborativas na docência” (Vieira, 2016, p. 128). Dessa forma, ainda que vivamos em uma sociedade voltada para resultados e produtividade, a escolha pela docência ainda se apoia em dimensões afetivas, revelando que paixão, amor e vocação continuam sendo pilares simbólicos que sustentam o sentido do ser professor.

Para entender como se deu a progressão acadêmica das pessoas entrevistadas, vamos apresentar o que as motivou a continuar os estudos. As autoras deste trabalho entendem como uma das formas de ascensão acadêmica, a realização de cursos de pós-graduação, cursos esses que são um facilitador também na progressão profissional, principalmente em concursos públicos com provas de títulos.

Percebemos em alguns relatos que há uma motivação pela ascensão acadêmica visando a sair de condições ruins de trabalho. Um exemplo disso é quando Bia diz: “mas 40 alunos em sala, sem ar-condicionado, passava por situações de insegurança profissional, com alunos que

desrespeitavam e que, às vezes, chegavam drogados na sala, muitas vezes uma direção um pouco omissa, fiquei insatisfeita com isso e pensei em fazer mestrado”. Outra motivação é perceber a necessidade de melhorar o conhecimento específico “Vi que a minha base Matemática era muito deficitária”, ainda com Bia.

Nesses relatos, vemos a necessidade que os docentes perceberam em sua vida de aprimoramento na profissão. De acordo com Gama (2007, p. 57), “A reflexão é o processo pelo qual os professores iniciantes se vão constituindo e consolidando na prática docente, em movimento de avaliação da profissão”. Gama (2007, p. 149 e 154), em sua tese, traz que a realidade citada pelos colaboradores desta pesquisa corresponde a do professor brasileiro:

[...] normalmente são atribuídas aos professores iniciantes as turmas mais problemáticas, os horários mais complicados e em escolas de difícil acesso ou marcadas pela violência escolar.

Ainda, Nacarato (2017) traz um relato similar ao dos nossos entrevistados: “Tenho evidências de que o professor precisa se mobilizar para o seu próprio desenvolvimento profissional” quando o convite para assumir uma coordenação a motivou para continuar a estudar e fazer mestrado. Nesta perspectiva, temos Fiorentini *et al.* (2002, p. 159) com o relato “é mediante um processo reflexivo e investigativo, mediado por aportes teóricos, que o professor se forma e se constitui profissional, sendo esse um processo sempre inacabado”, destacando que o docente identifica a necessidade de formação constante, seja para melhorar o seu conhecimento acadêmico ou para conseguir melhores empregos e condições de trabalho.

Bia também comenta sobre a falta de orientação sobre que caminhos seguir: “Achei que a faculdade não fazia muito sentido para mim e estava muito perdida ainda nessas escolhas”, pois iniciou várias graduações antes de fazer Matemática. Neste ponto, Lia traz a falta de exemplos ou incentivo da família:

Na minha família não havia essa cultura, as pessoas não fizeram curso superior, meu pai, minha mãe. Nós somos três filhos, e mesmo eu sendo a mais velha, fui a única a fazer faculdade, [...]. Então essa vida profissional é pouco compreendida pela família. Quando fui fazer doutorado, por exemplo, minha mãe disse: “- mas filha você tem que estudar mais ainda?” Trabalhando aqui na universidade, no ano passado saí para fazer o pós-doc. “- Mas você tem que estudar mais ainda?” Então não fica claro para a família que não tem essa vivência. (Excerto da entrevista de Lia)

Lia também traz em sua realidade a necessidade de fazer um curso noturno para conciliar trabalho e estudo. As experiências de Bia e Lia mostram como a ausência de orientação vocacional e o pouco estímulo familiar podem tornar o ingresso na universidade um percurso solitário, especialmente para mulheres. Esses obstáculos iniciais se somam a outros desafios

estruturais, como o viés de gênero que ainda influencia fortemente determinadas escolhas profissionais, como podemos perceber no relato de Marie sobre as vagas de emprego:

[...] só que normalmente as mulheres acabam ficando para dar aula para o fundamental nas escolas e os homens é que são escolhidos para dar aula no ensino médio. A gente nunca sabe, principalmente na escola particular, se você não foi aceita porque você é mulher ou porque realmente o outro candidato, normalmente um homem, é realmente melhor, tinha um currículo melhor do que o seu. Já houve situações que ficou eu e um homem no final como candidatos para uma vaga e o homem foi escolhido. Fico pensando hoje em dia se ele foi escolhido por ser homem ou se realmente é porque ele tinha mais experiência. (Excerto da entrevista de Marie)

Em uma lógica similar, Lia relata:

Em vários outros contextos dentro da Universidade, você vê certos privilégios. De homens matemáticos terem oportunidade de ir para eventos mesmo quando o diretor falou que naquele ano não precisava nem pedir dinheiro que não ia ter mesmo. E você fala: “- ué, mas como é que fulano foi, como é que sicrano foi?” (Excerto da entrevista de Lia)

As narrativas de Marie e Lia revelam como o viés de gênero atua de forma sutil, porém persistente, nas decisões institucionais e na percepção das próprias trajetórias profissionais. A recorrente dúvida sobre se a escolha de um homem para determinada vaga ou benefício se deu por mérito ou por ser homem evidencia não apenas desigualdades concretas, mas também um sentimento constante de desvalorização e insegurança vivido por muitas mulheres em espaços historicamente masculinizados, como o da Matemática. Sobre isso, Fernandes *et al.* (2019) refletem sobre salários diferentes para mulheres e homens numa mesma função.

O pré-julgamento diz que a mulher tem menor capacidade de desenvolver determinada atividade apenas pelo fato de não ter nascido do sexo masculino? Um profissional deve ser pago pelo seu desempenho, não por seu gênero. [...] A posição da mulher frente ao mercado de trabalho ainda é permeada de desafios a serem vencidos com a finalidade de equiparar os gêneros. As diferenças salariais, de tratamento e assédios ainda são predominantes nas mulheres. [...] As características inerentes ao gênero feminino e os direitos adquiridos ao longo dos tempos não podem ser entraves no processo de contratação ou ascensão profissional (Fernandes *et al.*, 2019, p. 244 e 250)

Casos como estes precisam ser evidenciados, por que o gênero de uma pessoa implica em menor remuneração ou mesmo ser preterida da função? Oliveira-Silva e Parreira (2022), em seu estudo, relatam que mulheres engenheiras afirmaram ter sua intelectualidade questionada e trazem uma situação em que uma mulher e dois homens, todos no mesmo nível, disputaram duas vagas de efetivação para um emprego da área STEM e a mulher não foi escolhida.

Além das situações já apresentadas, Marie e Lia trazem relatos sobre a maternidade e os impactos para a ascensão:

Em relação à maternidade, tive meu filho no terceiro ano de faculdade, o primeiro em que me tornei professora. Então foi uma avalanche e algo que me marcou muito. Ganhei ele no final do terceiro ano, só que não tinha só o quarto ano, eu tinha o quarto, o quinto, o sexto. Eu estava toda atrasada, vindo de escola pública, noturno, trabalhando e era muito difícil acompanhar as disciplinas. Entrei em 1990 e terminei em 1995/96. Aí 1996/97 fiz a especialização. Ou seja, levei seis anos para concluir um curso de quatro, mas não porque tive filho, por todas as dificuldades que eu tinha. Uma coisa que me marcou é que, quando meu filho fez dois meses, eu já voltei para faculdade, por que qual foi meu pensamento? Eu tinha direito a uma licença maternidade, eu podia ficar aquele semestre todo na minha casa. E ir para a faculdade fazer só prova, mas eu ainda estava fazendo Cálculo 1, Cálculo 2 na época, porque levei muito tempo para passar no Cálculo 1. E falei: “- gente, se eu perder essas aulas e for lá só fazer prova, eu vou empacar de novo”. Foi a partir desse quarto ano que deslanchou e parei de reprovar. Me tornando professora, fui aprendendo também aqueles conteúdos nos quais eu tinha lacunas. Então, foi uma decisão difícil, mas tive o apoio do marido. Na época minha mãe morava perto e meu marido encarou de ficar mesmo com o filho todas as noites, para eu poder ir para a faculdade. Eu não ia todas as noites, acho que três noites. Na época, falei “- vou pegar só o que preciso fazer de disciplina para continuar deslanchando no curso”. E só consegui, pois meu marido deu um apoio incondicional a ponto de eu fazer mestrado antes dele. E eu fiz doutorado e ele parou no mestrado, porque só havia condição para que ou um ou outro fosse, não era possível para os dois. Como viu que eu tinha o gosto, ele sempre me apoiou. (Excerto da entrevista de Lia)

Em 2007, eu engravidei do meu filho. Era o mesmo orientador do mestrado [...] ele já estava meio estranho comigo desde que entrei no doutorado [...] quando fiquei grávida, ele cortou minha bolsa de doutorado. [...] Quando tive meu filho eu me afastei, mas como meu marido também estava na pós-graduação, continuamos por lá. [...] Desde quando meu filho nasceu até hoje, acho que a minha vida profissional é toda norteada (aprendi com meu orientador a não usar norteada), é direcionada pela minha vida pessoal, tanto por questões de não ter muita rede de apoio, mas também por questões de que sinto essa necessidade de estar perto (eu vou me emocionar) do meu filho o tempo todo. Não é nem uma questão de que não tive minha mãe perto não, minha mãe sempre foi dona de casa, então acho que tenho essa referência de ter tido uma mãe que estava ali comigo o tempo todo. Eu quis fazer isso para o meu filho (bem emocionada na fala). E acho que se eu não tivesse ficado com ele o tempo todo como fiquei, talvez não tivesse percebido algumas coisas nele que hoje eu percebo. Hoje já investigo outras questões do meu filho além das altas habilidades. Ele tem algumas questões de dificuldade de interação social, então estamos investigando possibilidades ou de TDAH ou de alguma outra coisa. Acho que minha escolha de ter passado mais tempo com ele, ter conseguido me dedicar mais a ele me ajudou nisso, a enxergar tanto as potencialidades quanto as dificuldades dele. Apesar de ser uma coisa ainda conflituosa para mim, essa coisa de ter tido muita expectativa numa carreira e não ter conseguido de certa forma, me sinto recompensada por outro lado, porque tive essa oportunidade de ficar com ele e ter observado mais. Algo que, para mim, é importante. (Excerto da entrevista de Marie)

Os relatos de Lia e Marie evidenciam como a maternidade atravessa e reconfigura as trajetórias acadêmicas e profissionais, não apenas pelos desafios práticos que impõe, como a reorganização do tempo e a ausência de políticas institucionais de suporte, mas também pelas escolhas subjetivas e afetivas que acompanham a experiência de maternar. A conciliação entre o desejo de crescimento profissional e os cuidados com os filhos se torna, muitas vezes, um campo de renúncias e negociações silenciosas. Como destaca Iaconelli (2023a), os filhos chegam como “ilustres desconhecidos” e exigem de seus cuidadores uma disponibilidade

muitas vezes incompatível com os modelos tradicionais de sucesso profissional, especialmente quando se trata das mulheres. Nesse cenário, a ascensão na carreira é constantemente atravessada por escolhas difíceis, nem sempre compreendidas ou valorizadas, mas profundamente significativas para quem as vive.

Contudo, mesmo conseguindo de alguma forma continuar os estudos ou pensar na carreira, as mulheres entrevistadas também trazem o que chamamos de culpa materna:

E depois tem o sentimento de: terminei a graduação, agora eu preciso dar mais atenção para o meu filho porque ficou com o pai. O pai dava mais atenção. Eu trabalhava, estudava, então entre terminar a graduação e pensar em ir para um mestrado, foram quase 10 anos. Porque você fala, “- meu, agora preciso me afirmar aqui no trabalho, mas preciso dar conta do filho também”. (Excerto da entrevista de Lia)

Só depois do meu filho já grande, em 2020, que tive coragem novamente de tentar um doutorado que estou terminando agora. [...] Fico naquela expectativa de que agora vou começar a pensar novamente na minha vida porque eu me dediquei bastante à vida dele. (Excerto da entrevista de Marie)

Os relatos de Lia e Marie revelam como a experiência da maternidade não termina nas renúncias imediatas do cuidado infantil, mas reverbera por anos nas decisões profissionais e acadêmicas, marcadas por um sentimento persistente de culpa. Ainda que ambas tenham conseguido retomar os estudos e reconstruir suas trajetórias, o percurso foi permeado por adiamentos, pausas e um constante tensionamento entre o desejo de realização pessoal e as exigências da maternidade. Como aponta Iaconelli (2023a, p. 75), “Ainda que essa mulher tenha ao seu lado todo o apoio do pai da criança, do companheiro ou da companheira numa divisão igual de tarefas, veremos que a conta não fecha. [...] Equiparidade é a forma mais adequada de pensar o compartilhamento de tarefas”.

Assim, a culpa materna não é apenas uma sensação individual, mas um reflexo de estruturas sociais que ainda responsabilizam, em grande parte, as mulheres pelo cuidado, naturalizando as desigualdades de oportunidades e reconhecimento. A partir de todos os relatos e reflexões apresentados, podemos perceber como a trajetória profissional de mulheres docentes de matemática está profundamente atravessada por elementos que extrapolam as escolhas acadêmicas ou profissionais em si. A carga mental materna, expressão cada vez mais presente no cotidiano e no debate público, explicita como, mesmo diante de avanços nas relações familiares, a responsabilidade pela gestão da vida doméstica e dos cuidados com os filhos ainda recai majoritariamente sobre as mulheres:

[...] embora a mulher possa delegar o ato de cuidar, permanece a ideia de que ela é insubstituível e a verdadeira responsável por tudo o que acontece com a prole. Mesmo quando se ausenta, ela é considerada — e, frequentemente, considera a si mesma — como aquela que não está cumprindo inteiramente com suas obrigações (Iaconelli 2023b, p. 181).

Como descreve Iaconelli (2023b), a ideia de que a mulher é insubstituível no cuidado, mesmo quando delega tarefas, é resultado de um ideal maternalista profundamente enraizado, que define o papel feminino a partir de um paradoxo: espera-se que a mulher estude, trabalhe, contribua financeiramente, mas que jamais se afaste da centralidade no cuidado materno, inclusive amamentando o tempo que for necessário.

Esse ideal também se expressa em ações cotidianas aparentemente banais, como a preparação de listas detalhadas com as tarefas da casa antes de uma viagem a trabalho. A mulher sente que precisa compensar sua ausência, como se o cuidado fosse uma tarefa que, ao ser compartilhada, gera dívida. Foi isso que Lia e Marie evidenciaram em seus relatos: mesmo contando com o apoio de seus parceiros, a sensação de estar “devendo” algo na divisão da parentalidade persistia, como se houvesse uma métrica silenciosa em que a mulher sempre tem mais a entregar, e onde qualquer delegação é sentida como uma falha no exercício de um papel considerado essencial.

## 5 Considerações finais

A ascensão acadêmica e profissional de professoras de Matemática, embora possível, é atravessada por múltiplos desafios que vão além da qualificação técnica ou do esforço individual. Trata-se de um percurso onde o mérito, muitas vezes, não é suficiente para garantir o reconhecimento ou a permanência. As trajetórias aqui apresentadas revelam barreiras estruturais, simbólicas e emocionais que afetam principalmente as mulheres, especialmente em áreas historicamente masculinizadas como a Matemática e outras ciências exatas.

Nesse contexto, é fundamental considerar o que se convencionou chamar de labirinto de cristal, uma metáfora que expressa as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em suas carreiras: um caminho cheio de obstáculos invisíveis, que para muitos é transparente, mas que exige das mulheres constantes provas de competência, resistência ao machismo, ao sexismo e, em diversos casos, ao assédio. Essa alegoria evidencia que, diferentemente do “teto de vidro”, que simboliza o limite invisível que impede as mulheres de atingirem os níveis mais altos de poder. Nesse caso, o problema não é apenas alcançar o topo, mas sobreviver ao percurso.

Ao mesmo tempo, a chamada economia do cuidado precisa entrar definitivamente no centro do debate sobre a progressão acadêmica. O cuidado com os filhos, com a casa, com os idosos recai de maneira desproporcional sobre as mulheres e se entrelaça com a culpa materna, a sobrecarga emocional e a impossibilidade de priorizar a própria carreira. Ainda que muitas contem com parceiros ou redes de apoio, a gestão do cuidado continua sendo majoritariamente

feminina, num contexto em que a igualdade formal não garante equidade de condições.

Portanto, repensar a formação docente, os espaços acadêmicos e os processos de progressão significa também reconhecer a necessidade de políticas públicas e institucionais que valorizem a diversidade, promovam a equidade de condições e redistribuam as responsabilidades do cuidado. É preciso criar estruturas que permitam às mulheres progredirem sem que tenham que abrir mão de sua saúde, de sua maternidade ou de sua identidade. Pensar uma docência crítica, humanizadora e comprometida com a diversidade é também pensar uma carreira em que o cuidado não seja um fardo exclusivo, mas uma responsabilidade socialmente compartilhada.

### Referências

ALVES, Maiara Rosa; BARBOSA, Marcia C.; LINDNER, Edson Luiz. Diversidade e percepção de igualdade de gênero nos cursos de ciências exatas da UFRGS. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 16, n. 1, 2023.

ANDRADE, Luciano Dias de, SANTOS, Camila Amorim Moura dos. Formação continuada de professores de matemática: uma experiência formativa em um município do estado da Bahia. **Anais do X CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/114650>. Acesso: 12 jan.2025.

BARBOSA, Gabriela dos Santos; NETO, Cléber Dias Costa; GIRALDO, Victor Augusto. Formação inicial de professores de matemática: crenças sobre ensino e empoderamento junto à população LGBTQI. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 11, n. 27, 28 fev. 2019.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_ . **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas I. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a, p. 197-221., p. 205.

CARVALHO, Tássio Mascarenhas de; SILVA, Cristiane Rodrigues da; BIANCHI, Eliane Maria Pires Giavina. Análise crítica da pesquisa narrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e54510817743-e54510817743, 2021.

CINTRA, Sones Lei Aparecida Domingues; CORREIA, Léia Bernal Sanches; TENO, Neide Araújo Castilho. Pesquisa narrativa: Uma metodologia para compreender experiências formativas. **Brazilian journal of development**, v. 6, n. 9, p. 66451-66463, 2020.

D'AMBROSIO, Ubiratan. A busca da paz como responsabilidade dos matemáticos. **Cuadernos de investigación y formación en educación matemática**, 2011.

DIAS, Ernandes Gonçalves; MISHIMA, Silvana Martins. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. **Revista Sustinere**, v. 11, n. 1, p. 402-411, 2023.

FERNANDES, Maria Neyrian de Fátima *et al.* Assédio, sexismo e desigualdade de gênero no ambiente de trabalho. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca**, v. 14, n. 1, p. 237-253, 2019.

FIORENTINI, Dario; NACARATO, Adair Mendes; FERREIRA, Ana Cristina; LOPES, Celi Spasandin; FREITAS, Maria Teresa Menezes; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. Formação de professores que ensinam Matemática: um balanço de 25 anos da pesquisa brasileira. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: UFMG, n. 36, p.137-160, 2002.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A escola "nova" está velha: propostas para uma outra escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GABARDO, Cláudia Valéria; SOUZA HOBOLD, Márcia de. Início da docência: investigando professores do Ensino Fundamental. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 3, n° 5, p. 85-97, 2011.

GAMA, Renata Prenstteter. Desenvolvimento profissional com apoio de grupos colaborativos: o caso de professores de matemática em início de carreira. **Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas**, 2007.

GATTI, Bernardete Angelina. **Formação de professores: condições, desafios e a realidade brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

GUSE, Hygor Batista; DETONI, Hugo dos Reis. Uma (Educação) Matemática Normalizadora: Análise de Fóruns de um Curso de Extensão sobre Estudos de Gênero e Educação Matemática. **Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 047–070, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/63186>. Acesso em: 16 jan. 2025.

GUSE, Hygor Batista.; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Quem são es professories que buscam formação em Estudos de Gênero na Educação Matemática?. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 17, n. 47, p. 1-26, 1 nov. 2024.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Amor e Ouro. In: DEBERT, Guita Grin, PULHEZ, Mariana Marques. **Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência**. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2019, p. 61-80.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libanio. 16. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

IACONELLI, Vera. **Criar filhos no século XXI**. São Paulo: Contexto, 2023a.

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas da reprodução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023b.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IVENICKI, Ana. Pesquisador, pesquisa e ensino com paradigmas e temas multiculturalmente orientados. In: AMBRÓSIO, Márcia. **Tendências da Pesquisa em Educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 62-81.

MEYER, Dagmar Estermann; DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin. A politização contemporânea do feminino e da maternidade. como se atualiza uma tese? In SEFFENER, Fernando, FELPE, Jane. **Educação, gênero e sexualidade (im)pertinências**. Petrópolis: Vozes, 2022.p.23-55.

MULLER, Eliane Fransieli; MOSER, Liliâne. Economia do cuidado: um debate conceitual. **IV Seminário Nacional: Serviço Social, Trabalho e Política Social – SENASS**. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2022.

MUSHA, Fernanda Dartora; LIMA, Yasmin Cartaxo; GODOY, Elenilton Vieira. Nobreza e gueto fora das exatas: percepções de raça, gênero e orientação sexual. In: GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa. **Educação Matemática e Diversidade**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p.134-160.

NACARATO Adair Mendes; PASSOS, Cármen Lucia Brancaglioni; Silva, Heloisa da. Narrativas na pesquisa em Educação Matemática: Caleidoscópio teórico e metodológico. **Bolema**, v. 28, n. 49, p. 701–716, 2014.

NACARATO, Adair Mendes. Práticas de formação e de pesquisa do professor que ensina Matemática: uma construção narrativa. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 10, n. 24, 2017.

NETO, Vanessa Franco; VALERO, Paola. A (in)equidade de gênero em educação Matemática: pesquisando as pesquisas. In: GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa. **Educação Matemática e Diversidade**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p.195-213.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina; PARREIRA, Vanessa Aparecida Diniz. Barreiras e enfrentamentos de mulheres em carreiras predominantemente masculinas. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, p. e74161, 2022.

PEREZ, Carolina Criado. **Mulheres invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens**. Tradução Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

POSTHUMA, Anne Caroline. A economia de cuidado e o vínculo com o trabalho doméstico: o que as tendências e políticas na América Latina podem ensinar ao Brasil. In: PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline. **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil**. Brasília: Ipea, OIT, 2021. p. 25-46.

SANTOS, Geisa Abreu Lira Corrêa dos; ALVES, Renato de Carvalho. Um panorama sobre a presença de decolonialidade, gênero e raça nos currículos das licenciaturas em Matemática das instituições públicas do Rio de Janeiro. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 16, n. 43, p. 1-20, 23 ago. 2023.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos brasileiros de psicologia. Rio de Janeiro. Vol. 71, n. 2 (maio/ago. 2019), p. 51-67**, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIEIRA, M. do S. T. C. . A escolha pela docência: decisão para a vida inteira. **Revista Semiárido De Visu**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 123–131, 2016. DOI: 10.31416/rsdv.v4i3.145. Disponível em: <https://semiaridodevisu.ifsertaope.edu.br/index.php/rsdv/article/view/145>. Acesso em: 30 jan. 2025.

ZAPPA, Carol. Educação infantil começa a ganhar mais professores homens, que ainda enfrentam resistência. **O Globo**, 08 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2022/08/educacao-infantil-comeca-a-ganhar-mais-professores-do-sexo-masculino-que-ainda-enfrentam-resistencia.ghtml>. Acesso: 26 dez. 2024.